AS GUERRAS

UMA TENTATIVA DE ESQUEMATIZAÇÃO

Cap de Artilharia
JOSÉ ALBERTO LOUREIRO DOS SANTOS

(Conclusão)

13. GUERRA CIVIL

Analisando os tipos de guerra apresentados segundo o critério dos objetivos que com elas as nações pretendem atingir, depara-se-nos em primeiro lugar a guerra civil. A êste tipo de conflito já nos referimos e são demais conhecidas as suas características para sôbre êle nos determos.

14. GUERRA REVOLUCIONARIA

Quanto à guerra revolucionária, embora o seu nome não tenha surgido neste esbôço mais do que duas vêzes — ambas decorrentes da necessidade de mencionar os "nomes" por que atualmente as guerras se conhecem — a verdade é que já nos debruçamos alguma coisa sôbre ela quando tratamos da guerra de classes. Realmente, a guerra revolucionária nada mais é que a luta de classes provocada por uma nação, e conduzida à escala mundial.

Costuma definir-se como "uma guerra baseada na doutrina elaborada pelos teóricos marxistas-leninistas e explorada por diversos movimentos revolucionários para se apoderarem do poder, assegurando progressivamente o contrôle físico e psicológico das populações, com o emprêgo de técnicas especiais apoiadas sôbre uma ideologia e seguindo idéias fôrça, com o fim último da substituição da sociedade existente".

Nesta definição, e em nosso parecer, está incluído muito de supérfluo, dado que bastará dizer que a guerra revolucionária se baseia na doutrina marxista-leninista. Nada mais é necessário. Na doutrina referida, embora se aconselhem, e tenham utilizado, algumas das técnicas mais rendosas para levar a cabo a "sua guerra", não se põe de parte qualquer espécie de luta. Tôdas servem. Todos os processos contam para realizar a guerra revolucionária. Segundo Paul M. Sweezy, teòricamente, na guerra de 39-45 integram-se vários tipos de guerra; um dêles, o duelo entre a Alemanha e a Rússia Soviética, foi uma guerra revolucionária. Entre estas nações não foram usados quaisquer meios ou processos diferentes dos usados entre a Alemanha e a Inglaterra... No entanto os próprios Marxistas classificam de guerra revolucionária o combate Alemanha versus Rússia, dando outra classificação à luta entre a Alemanha e a Inglaterra.

Muito se tem dito e escrito acêrca da guerra revolucionária. Não interessa repeti-lo.

Bastará citar afirmações de teóricos marxistas-leninistas, seus inventores, continuadores e executores, para que fiquemos com uma idéia suficientemente precisa do que se deve entender por guerra revolucionária.

— "Por mudança das condições materiais da existência, êste socialismo entende não a abolição das condições burguesas da produção (abolição impossível, a não ser por via revolucionária)..." (1) — *Marx*

— "Uma verdadeira guerra revolucionária será no momento atual ùnicamente a guerra de uma república socialista contra os países burgueses com o fim bem definido e claramente apoiado por um exército socialista — de lançar por terra a burguesia nos outros países". (2) — *Lenine*

— "A situação política mundial põe na ordem do dia a ditadura do proletariado, e todos os acontecimentos da política mundial convergem para o mesmo centro a saber: a luta da burguesia do mundo inteiro contra a república russa dos sovietes, que agrupa à sua volta de um lado os movimentos sovietistas dos operários avançados de todos os países, de outro, todos os movimentos de libertação nacional nas colônias e entre os povos oprimidos..." (3) — *Lenine*

— "Não fundamos a doutrina militar em razões dogmáticas, mas sim na análise marxista das exigências da classe trabalhadora". (4) — *Trotsky*

— "O antigo exército servia de instrumento de opressão das classes trabalhadoras. Agora que essas classes e as que antigamente eram exploradas se encontram no poder, nasceu a necessidade de um nôvo exército que sirva de baluarte ao govêrno soviético e apoie a futura revolução social na Europa. O nôvo exército estará integrado pelos mais vitais elementos das classes trabalhadoras." (5) — *Trotsky*

— "Não sendo possível o ataque direto contra a Europa, torna-se necessário executar uma manobra envolvente contra ela através da Ásia e da África." (6) — *Stalin*

— "Mas o partido comunista chinês, à cabeça do exército popular de libertação, empenhou-se resolutamente numa guerra revolucionária, justa e

(1) Crítica aos socialismos burgueses (de Proudhom) em "Manifesto Comunista".

(2) 21.ª tese de 21 de janeiro de 1918 perante um grupo de bolchevistas em Moscou, em "La Révolution Bolchéviste".

(3) Obra citada — Discurso de abertura do IX Congresso do partido comunista.

(4) B. H. Liddel Hart — "El Ejercito Soviético".

(5) Idem.

(6) Citado por H. de Oliveira em "Guerra Revolucionária".

patriótica, contra a ofensiva de Chiang Kai Shek. Baseando-se na doutrina marxista-leninista, o partido comunista chinês viu lùcidamente a situação internacional e interior...

A simpatia ou a oposição do povo eram fatôres jogando um papel permanente, e neste domínio o exército popular de libertação tinha a superioridade. A característica patriótica, justa e revolucionária, da guerra do exército popular de libertação, devia necessàriamente trazer-lhe o apoio do povo no país inteiro. É o motivo político da derrota de Chiang Kai Shek" (1) — *Mao Tse Tung.*

15. GUERRA INTEGRAL

Qualquer guerra poderá ou não ser do tipo integral; sê-lo-á desde que tenha por finalidade a alteração radical da sociedade existente. Sob êste aspecto, a guerra revolucionária é integral, mas também o foi a guerra dos Estados Unidos com os índios, que conduziu à substituição total dos habitantes de determinadas áreas.

Assim, as guerras merecerão o epíteto de integrais, quer modificando as estruturas de uma sociedade — o modo como os homens se entendem uns com os outros — quer substituindo os elementos que constituem uma sociedade. As guerras do paleolítico seriam, na sua maioria, guerras integrais no sentido de substituição; as guerras de era contemporânea são guerras integrais no sentido de modificação. Umas e outras têm por meta a alteração radical: ambas a obtêm através da morte. As primeiras através da morte física, as segundas pela morte psicológica. Após umas e após outras já não existem os mesmos homens e, portanto, as mesmas sociedades.

16. GUERRA ECONÔMICA

O aspecto econômico entra em tôdas as lutas que o homem realiza, embora nem sempre seja o aspecto fundamental. A sociedade industrial levou o homem a usar como principal padrão de medida as coisas do econômico. Esta tendência, contra a qual se têm revelados muitos dos espíritos lúcidos do nosso tempo, também se infiltrou, naturalmente, no fenômeno guerra.

Se para o homem moderno (o homem massa de Ortega y Gasset) o interêsse principal passou a ser o econômico, não é de estranhar que a maioria das guerras do nosso tempo tenha por causa primeira o motivo econômico. Motivo, em guerra, relaciona-se com finalidade.

Apesar do que se disse, será difícil individualizar uma guerra econômica. Dêste tipo, a mais conhecida e característica é sem dúvida a guerra do Ópio, entre a Inglaterra e a China.

Confundir, em guerra, a economia como finalidade e como arma significa confundir os tipos de guerra que sob esta designação se indicam nos critérios de classificação quantos aos objetivos e

(1) Discurso pronunciado perante o partido comunista chinês em 25 de dezembro de 1947, quando já se divisava a vitória comunista na guerra civil chinesa. Transcrito por Chassin em "La Conquête de La Chine par Mao".

quanto aos meios utilizados. A luta que atualmente se trava entre a Rodésia e a Inglaterra, ou entre a África do Sul e os países africanos é econômica quanto aos meios, embora não o seja quanto aos fins.

Na luta contra Napoleão, a Inglaterra usou a arma econômica que, segundo alguns autores, foi a causa da derrota do Corso; a Grã-Bretanha, tendo em seu poder uma indústria superior à do continente (em pleno início da era industrial) e possuindo o monopólio do comércio das Índias Ocidentais, conseguiu a moeda estrangeira, que lhe permitiu o sustento das alianças. Conseguiu também reduzir os efeitos do bloqueio continental decretado por Napoleão.

17. GUERRAS COLONIAIS

Grandemente afetadas pelo tipo econômico, aparece-nos, em plena era industrial, as guerras coloniais.

A guerra colonial é o conflito pelo qual uma potência industrializada pretende apoderar-se de uma sociedade agrícola, ou, perante a sua revolta, manter o seu domínio. Se êste ponto de vista é verdadeiro, as guerras coloniais tiveram início no século XVIII e século XIX, isto é, após a revolução industrial.

As sociedades fortemente desenvolvidas da Europa tiveram necessidade de alimentar as suas máquinas com as matérias-primas existentes, e inexploradas, nas áreas cujos detentores eram povos agrícolas.

Assim, Portugal viu-se atacado por duas vêzes, em guerras coloniais contra si conduzidas: a primeira, nos fins do século XIX quando as nações européias fortemente industrializadas procuraram dominar os seus territórios ultramarinos, atacando diretamente, ou influenciando as populações menos esclarecidas e levando-as à revolta; a segunda, depois de 1960, quando outras nações, que não as européias, pretenderam conseguir o que estas não tinham alcançado.

A guerra colonial, presentemente, tende a transformar-se numa luta em que a nação mais desenvolvida tècnicamente procura apoderar-se, ou controlar, os melhores rincões da nação menos desenvolvida tècnicamente. Sob êste aspecto de guerra colonial "evoluída", a luta levada a efeito por meios ideológicos, econômicos e militares, entre os Estados Unidos da América e as nações da Europa Ocidental, por um lado, e entre a URSS e os países da Europa de Leste, por outro lado, após a guerra de 39-45, foram guerras coloniais.

Atualmente, encontramo-nos perante cinco guerras coloniais de grande envergadura:

— A primeira, a que se desenvolve entre os países europeus ocidentais, cujo principal cabecilha é a França, pela libertação da tutela técnico-econômico-ideológica dos EUA. A crise da NATO, a tentativa de regresso ao padrão ouro e a abertura diplomática em direção a Leste, são indícios de tal conflito.
— A segunda, que se desenvolve paralelamente a esta, é intentada pela Europa de Leste contra a URSS.
— As terceira e quarta, cuja raiz profunda talvez se encontre nas duas primeiras, as guerras que em todos os campos a

URSS e a América travam com as nações africanas e asiáticas, para o que usam o mais variado arsenal econômico e psicológico.

— A quinta, decorrente de necessidades demográficas e de prestígio, é travada pela China contra a Rússia, por um lado, e contra as nações africanas e asiáticas, por outro lado.

De acôrdo com esta perspectiva, as lutas que entre si travam a URSS e os EUA derivam, em grande parte, como adiante veremos, das guerras coloniais em que se encontram atualmente empenhados.

18. GUERRAS IMPERIALISTAS

A guerra imperialista assemelha-se, na época atual, à guerra colonial e com ela se confunde. As guerras imperialistas são lutas de todos os tempos, de tôdas as civilizações: são os conflitos que originam os impérios. Os impérios Assírio, Romano, Bizantino, de Carlos Magno, francês de Napoleão, inglês do século XIX tiveram a sua forja em guerras imperialistas.

Mas o conflito imperialista, que está associado à idéia de nação imperialista, é, em boa verdade, diferente do conflito colonial. Enquanto o segundo é, até certo ponto, uma necessidade para a nação mais desenvolvida, o primeiro é normalmente desnecessário, isto sob o aspecto econômico.

Alexandre conquistou o seu império por quê? e Napoleão? e Cambises? e Luís XIV? e tantos outros? Por prestígio, por poder pessoal? Eis a resposta do rei assírio Tuklati-pal-isharra I:

— "O Deus Assur, meu senhor, ordenou-me que marchasse... Cobri as terras dos Saranitas e Amanitas com ruínas... Castiguei-os, persegui os seus guerreiros como bêstas selvagens, conquistei as suas cidades, levei comigo os seus deuses. Fiz prisioneiros, tomei propriedades, entreguei ao fogo as suas cidades, deixei-os devastados, destruídos, impus-lhes o mais pesado jugo do meu reino, e em sua presença fiz ofertas de agradecimento ao Deus Assur, meu senhor". (1)

J. A. Shumpeter, melhor do que ninguém esclarece o ponto de vista que pretendo exprimir: "Quando um estado defende um interêsse próprio, mesmo que o faça com brutalidade e vigor, ninguém dá a isso o nome de imperialismo, desde que êle abandone a atitude agressiva tão logo que tenha atingido os seus objetivos. Sempre que se usa a palavra imperialismo, há a implicação — sincera ou não — de agressividade, cujas verdadeiras razões não estão nos objetivos momentâneamente buscados; de uma agressividade que se reforça a cada nôvo êxito; de uma agressividade em si mesma, refletida por expressões como "hegemonia", "domínio mundial" e assim por diante. E a história mostra, na verdade, nações e classes — a maioria das nações proporciona numa época ou noutra um exemplo disso — que procuram expandir-se pelo amor à expansão, que

(1) Toynbee — Obra citada.

buscam a guerra pelo amor da luta, a vitória pelo gosto de vencer, o domínio pelo prazer de governar". (1)

19. GUERRA DE REDIVISÃO

Para dividir, é necessário ter conquistado ou pelo menos possuir. Para redividir, é imprescindível que antes se tenha dividido.

Grande parte das nações tècnicamente menos poderosas (não quero dizer menos civilizadas) tem relativamente às mais poderosas uma submissão do tipo colonial. Esta dependência apresenta-se numa enorme gama de intensidades que vai desde as ligações econômicas atenuadas até à completa suserania política, passando por outras espécies de colonização, nos quais se incluem a segurança militar e o contrôle das emprêsas rendosas.

Quando as nações mais poderosas lutam entre si procurando, cada uma delas, apoderar-se de áreas de interêsse, estamos perante uma guerra de redivisão.

A designação de que estamos a tratar tem origem marxista. Dado que na história se têm processado guerras cuja explicação não é possível pela mecânica da luta de classes, houve que lançar mão de outras designações para conflitos que não apresentam a marca do "motor da história".

Se a guerra colonial cabe dentro do esquema marxista da luta de classes — na medida em que os países menos industrializados funcionam relativamente aos mas industrializados como proletários perante burgueses — não acontece o mesmo para as guerras entre nações capitalistas ou para as que estas conduzem sem razões coloniais. Daqui o fato de, segundo muitos dos teóricos marxistas, além da guerra de classes, existirem apenas dois tipos de guerra: de redivisão e imperialistas.

No entanto, a maioria dêstes doutrinadores confunde guerra imperialista com guerra colonial, dado que não admite outro motivo para a guerra que não seja o motivo econômico.

É Lenine, o profeta da religião marxista, quem nos comunica: "Pela primeira vez o mundo está dividido, de forma que no futuro só serão possíveis redivisões, isto é, transferências de um "dono" para outro, e não de um território sem "dono" para um "dono". (2)

Paul M. Sweezy na sua "Teoria do Desenvolvimento Capitalista", quando analisa o problema do imperialismo (para êle sinônimo de anexação colonial), considera-o como doença dos países capitalistas. Continuando o seu raciocínio, declara que, uma vez que o capitalismo não se pode deter, é obrigado a expandir-se; como as várias nações capitalistas se expandem e dado que "o mundo está dividido entre elas", a expansão ocasiona colisões: essas colisões são as guerras de redivisão.

De acôrdo com êste esquema geral, resume os conflitos internacionais do século XX: a primeira guerra de redivisão foi a guerra de 1914-18 em que os principais contendores foram a Inglaterra e a Alemanha lutando pela redivisão do Sudeste da Europa e Próximo

(1) "Imperialismo e Classes Sociais".
(2) Citado por P. Sweezy em "Teoria do Desenvolvimento Capitalista".

Oriente. Os resultados desta guerra de redivisão, segundo Sweezy, foram os seguintes: o poder da Alemanha foi temporàriamente esmagado e o seu império colonial dividido entre as nações vitoriosas, principalmente Inglaterra e França. Os Estados Unidos surgiram como a nação econômicamente mais forte do mundo, credora das nações européias. A Itália e o Japão não lograram obter a parte do "bôlo" que pretendiam.

Passando a analisar a segunda guerra de redivisão do século, Sweezy começa por justificar o início desta guerra (para êle de 1931 a 1945) pelo fato das nações capitalistas, cuja saciedade não fôra satisfeita em 14-18, tentarem conseguir aquilo que com o tratado de paz não haviam obtido: o Japão invade a Mandchúria, a Itália invade a Etiópia, estala a guerra civil Espanhola, a China é novamente invadida pelo Japão, a Alemanha vai ocupando sucessivamente várias nações européias.

É curioso notar que nesta altura da sua análise o autor que estamos a seguir informa que, durante a segunda guerra mundial, se observaram três guerras simultâneas mas distintas: uma de redivisão, entre a Alemanha, Itália e Japão de um lado e a Grã-Bretanha e Estados Unidos do outro; outra, revolucionária, entre a Alemanha e a Rússia; a terceira, antiimperialista, entre a China e o Japão. Paradoxalmente não inclui, o que aliás está de acôrdo com o esquema, a URSS como potência redivisora.

Relativamente a esta última conclusão, parece no entanto que, se houve redivisão, e isso existiu, ela foi efetuada entre os dois grandes colossos: URSS e EUA. Foi o tratado de Tordesilhas do século XX.

A esta redivisão, seguiram-se as guerras coloniais a que atrás nos referimos, fàcilmente vencidas pela maior potência ocidental — EUA — e pela maior potência oriental — URSS —.

Em boa verdade, depois de pronunciada a sentença de Nuremberg, iniciou-se a maior guerra de redivisão de todos os tempos, sob a forma de guerra fria, que a todo o momento ameaça aquecer, acompanhadas pelas guerras do tipo colonial por nós atrás assinaladas.

Se é verdade que a URSS atingiu, após o esfôrço da guerra de 39-45 a maturidade econômica de uma nação desenvolvida da era industrial, passou imediatamente a deparar com os mesmos problemas que haviam enfrentado as nações que, mais cedo, tinham alcançado essa maturidade. Estruturada econômicamente no sistema de capitalismo estatal, justificando a sua expansão pela filosofia marxista — uma nova religião — (?) —, pregando e praticando a guerra revolucionária — a nova guerra santa (?) —, enquadrada politicamente por uma teocracia em que Marx é deus, Lenine o seu profeta, e o chefe de estado o papa, a Rússia transformou-se numa nação que quer conservar e defender o desenvolvimento econômico a que chegou. Daqui a sua colisão com as outras nações, qualquer que seja o seu sistema político: nações capitalistas, socialistas ou comunistas, como é o caso da China.

A lógica de Sweezy é implacável. A guerra fria é uma guerra de redivisão.

20. GUERRAS DE ANEXAÇÃO E DE LIBERTAÇÃO

Anexar — Libertar.

Conquistar — Libertar.

Guerra de anexação é tôda a guerra de conquista, seja imperialista, revolucionária, ou colonial. Guerra de libertação é tôda a luta antiimperialista, anticolonial ou contra-revolucionária.

Para o país que provoca a guerra, embora de luta para luta e conforme os tipos de guerra (imperialista, revolucionária ou colonial) a razão seja diferente, a finalidade é sempre a mesma: anexar, conquistar, submeter, incorporar.

Para o país que é obrigado a fazer a guerra contra o imperialista, o colonizador (no sentido que vimos dando ao têrmo), ou o agente de revolução, a luta que êle trava será antiimperialista, anticolonial ou contra-revolucionária, por questão etimológica, mas é de libertação por questão de vontade própria. Em qualquer dos casos o objetivo é conseguir a liberdade.

Realmente, colonial e anticolonial, imperialista e antiimperialista, revolucionária e contra-revolucionária são grupos de dois aspectos duma mesma realidade. Faz a guerra colonial aquêle que pretende dominar, faz a guerra anticolonial aquêle que se quer libertar, mas ambos estão empenhados numa guerra colonial.

Estes jogos de palavras prestam-se, por vêzes, a erradas interpretações e a falsas afirmações. À volta do têrmo, que tem um significado preciso, provocam-se atitudes emocionais.

21. GUERRAS DE PACIFICAÇÃO. GUERRAS CONTRA-REVOLUCIONÁRIAS

Infelizmente, a única maneira de fazer voltar à paz uma área onde se faz a guerra é fazer a guerra. A fôrça só conhece a fôrça. Raros sãos os casos em que tal não é necessário.

Se em determinada região alguém provoca um conflito, seja êle de que natureza fôr, e a entidade que exerce a autoridade sôbre essa área considera dever seu pôr-lhe têrmo, tem início uma guerra ou campanha de pacificação.

A guerra civil dos Estados Unidos da América, sendo uma guerra civil quanto aos intervenientes, foi uma guerra de pacificação quanto ao objetivo que se pretendia. Quando os Estados do Sul, após a eleição de Lincoln para presidente da República, denunciaram a União separando-se pelo fato daquele ser pela abolição da escravatura, não tinham por objetivo conquistar o poder político da Nação EUA, mas sim construir uma outra nação — os Estados Confederados — onde a escravatura seria mantida. A determinação de Lincoln em terminar com a separação deu origem a uma guerra civil, é certo, na medida em que se degladiaram fôrças de uma mesma nação, mas de pacificação, dado que Lincoln pretendia, e conseguiu, pôr fim ao estado de rebelião dos Estados do Sul.

Embora a palavra pacificação ande muitas vêzes ligada a sufocação de revoltas ou revoluções contra a autoridade de fato, legal ou ilegal, no século XX, mercê da guerra revolucionária, assiste-se a numerosas campanhas de pacificação que são verdadeiros conflitos

internacionais. A nação ou nações que a si próprias se arrogam a missão de dirigirem a guerra revolucionária provocam nas nações do tipo ocidental revoluções internas, alimentam-nas e conduzem-nas, tirando delas o proveito — redivisão do mundo — em caso de vitória. Essas revoluções internas provocadas, que evoluem como cancros num corpo saudável, verdadeiros conflitos internacionais, são as chamadas guerras subversivas, de que adiante falaremos.

Contra elas são atualmente dirigidas as guerras da pacificação.

22. GUERRAS RELIGIOSAS

Embora haja muitas interpretações acêrca dos motivos que levaram os Cristãos a lançar uma das maiores campanhas da Idade Média, que se prolongou por muitos anos, e na qual tomou parte quase todo o mundo cristão medieval — as Cruzadas — parece não haver dúvidas que a razão — objetivo principal da guerra — era a libertação dos chamados lugares santos e a expansão do Cristianismo, convertendo os infiéis. Certamente que muitos outros objetivos foram alcançados e particularmente procurados, mas a mola real que conduziu o homem da Idade Média à Cruzada foi a causa religiosa pregada por padres e leigos imbuídos de um fervor religioso que nós — homens da Europa industrial — não compreendemos muito bem.

Há uma diferença importante entre as guerras religiosas árabes e as Cruzadas — guerras religiosas cristãs. Enquanto que a religião cristã foi, desde o seu aparecimento e de acôrdo com o expresso pelo seu Fundador, uma religião proselita, em que havia a preocupação, por parte dos Cristãos, de converter os infiéis, o mesmo não acontece com o Islamismo. O Cristianismo expande-se pelo sermão e pela propaganda e poderá tomar o aspecto de guerra — o que aconteceu nas Cruzadas — quando se excitar o espírito de conversão.

O Islamismo prega a guerra santa desde o seu início e passa a ser prosélito só muitos séculos após o seu aparecimento. Nos tempos da grande expansão árabe, embora o guerreiro dissesse e pensasse que lutava porque Alá assim o mandava, não havia qualquer preocupação em aumentar o número de Islamitas pela conversão. Os povos submetidos mantinham os seus costumes e práticas religiosas sem que fôssem molestados (na península Ibérica chegou a haver bispos moçárabes). Interessava que os povos dominados servissem os fiéis, não interessava que se mantivessem infiéis.

Então, se Maomé pregou a guerra santa e a iniciou não com a finalidade de converter, qual teria sido a finalidade? — Maomé era um profeta perspicaz; ao pregar a sua religião, sabia que se estava a dirigir a árabes, a nômades de espírito irriquieto característico do guerreiro; para os unir, não serviria pregar-lhes a conversão e a paz, o amor e a igualdade, teria que lhes pregar uma doutrina que mantivesse os árabes como uma nação senhoril e guerreira, nação que sempre tratou os povos conquistados com brandura — mas soberano desprêzo — nem os aniquilou nem os converteu (qualquer desta atitude seria perder servidores), os infiéis que lhe ficavam submetidos

e que lhe permitiam, pela exploração do seu trabalho, continuar a ser uma nação de dominadores, cujo passatempo era a guerra ou as discussões teológicas.

A guerra religiosa atinge por vêzes aspectos de ferocidade invulgar. As lutas contra os hereges que se verificaram durante a Idade Média são um exemplo elucidativo.

23. GUERRA FRIA — GUERRA QUENTE

De acôrdo com os meios que os contendores utilizam numa guerra, esta pode ter uma ou várias designações.

Até há pouco tempo, não se considerava a possibilidade de se travar uma guerra sem que ela causasse mortes físicas; com o desenvolvimento da guerra revolucionária, os políticos começaram a reparar que determinada potência obtinha vitórias sem que o preço fôsse sangue. Eram guerras subtis nas quais se utilizavam meios não sangrentos, embora "intelectualmente" mortíferos. Esta tomada de consciência dos políticos, e dos povos, levou à classificação de tôdas as guerras em dois grandes tipos: guerras frias, aquelas em que se procura obter a vitória atuando especialmente sôbre as mentes dos inimigos, e guerras quentes, aquelas em que a ação fisicamente violenta desempenha um importante papel na conduta da guerra.

Observando bem a maneira como os inúmeros conflitos de que se tem conhecimento se desenrolaram, verificamos que o fator violência poucas vêzes tem desempenhado o principal papel na conduta das operações, embora êste seja o pensamento de Clausewitz, quando afirma "A decisão na guerra obtém-se com a batalha".

Em boa verdade, a maioria das guerras começará por ser do tipo guerra fria e assim se manterá se um dos adversários se deixar vencer por se convencer de que não tem possibilidades de, pelo seu lado, conseguir a vitória. Mesmo após os contendores passarem ao uso dos meios violentos, o elemento "frio" da guerra terá sempre o principal papel. Extremando o nosso raciocínio, teremos que afirmar que o fator violência só desempenhará o principal papel de um conflito, quando êste terminar sòmente com a aniquilação total de um dos adversários. Mesmo que de dois contendores contemporâneos empenhados numa guerra quente, um dêles perca no decorrer dos combates o seu poder econômico, as suas armas, as suas bases, êste ainda poderá continuar a luta sob a forma de luta de guerrilhas ou terrorismo urbano. Só experimentará a derrota quando se sentir derrotado.

B.H. Liddel Hart no seu "Estrategy" exprime perfeitamente estas idéias, que dali foram retiradas, quando afirma: "A História mostra que é a perda da esperança e não a perda de vidas que decide o resultado de uma guerra".

24. GUERRA ATÔMICA — GUERRA CLÁSSICA

Se numa futura guerra quente fôr utilizado todo o arsenal que as grandes potências têm à sua disposição, essa guerra será atômica, porque a arma atômica terá nela a principal tarefa, e será maciça porque originará destruições de amplitude nunca igualada, maciça ain-

da porque, numa primeira fase, se procurará obter efeitos decisivos.

Se nas guerras não fôr utilizado o armamento atômico poderemos designá-las por clássicas.

É difícil definir uma guerra clássica. A sua natureza varia com as épocas, mas talvez possamos dizer que guerras clássicas são tôdas as que se disputam pelo figurino das guerras anteriores. A próxima será clássica se fôr igual à última; se houver segunda guerra atômica, ela passará também a ter a denominação de clássica.

Não será a guerra subversiva a guerra clássica da nossa época?

25. GUERRAS E ARMAS

O emprêgo da "arma" mecânica, química, biológica, econômica, atômica e psicológica, dá o nome à luta que se está a travar. Se numa guerra quente, qualquer destas armas poderá ser utilizada, de acôrdo com as designações que temos vindo a exprimir, nem tôdas poderão aparecer numa guerra fria. Nesta, há duas armas que comumente se empregam: a econômica e a psicológica. Quando muito, as armas violentas poderão ser, e são-no, usadas em conflitos marginais, ditos guerras limitadas, que constituem lances importantes do "grande jôgo".

Abstemo-nos de analisar as armas mecânica, química, biológica e atômica, dado o seu desinterêsse relativamente ao sentido dêste trabalho — o que não corresponde, naturalmente, ao seu interêsse real, que é considerável.

Os fatôres econômico e psicológico (propaganda) têm assumido uma importância nos conflitos do nosso tempo que não é demais encarecer.

A importância do econômico deriva fundamentalmente do fato do econômico representar para o homem moderno o fulcro de tôda a sua atividade. Luta-se pelo bem-estar econômico, teme-se a falência econômica. Não se quer com isto dizer que o econômico não tenha importância por si próprio, já que a riqueza de uma nação tem extraordinária influência na sua capacidade de organizar um exército moderno e de alimentar uma guerra daquelas a que nos vamos habituando a assistir, qualquer que seja o seu tipo. Mas a influência que adquiriu após a revolução industrial é fruto de uma filosofia de vida e de um modo de encarar a existência e a história que presentemente nos caracteriza. Vai sendo cada vez mais raro encontrar homens pobres que se consideram felizes. Hoje, mais do que nunca, ligamos a felicidade, não ao bem-estar moral, mas ao bem-estar econômico.

Do exposto, fàcilmente se concluem os motivos por que as nações são tentadas pela indústria pesada ou indústria de guerra, em vez de o serem pela indústria dos bens de consumo, nos seus planejamentos econômicos. Atualmente, o bem-estar econômico de grande parte das nações relaciona-se mais com a sua preparação para a guerra do que a felicidade do seu povo. Poder, tanto individual como coletivamente, vai sendo sinônimo de felicidade. Daqui se conclui ainda o motivo por que os adversários, num conflito, procuram, antes de se iniciarem as hostilidades violentas, tentar a sua chance por meio de sanções econômicas, e, depois de estarem empenhados em

recontros sangrentos, por que procuram, em primeiro lugar, destruir os pólos de desenvolvimento econômico do inimigo.

Sôbre a arma psicológica, ou propaganda, e a sua importância nos conflitos atuais, não será necessário alongarmo-nos. Bastará referir que o seu poder foi uma das alavancas da vitória alemã sôbre a França em 1940, e ainda lembrar o seu emprêgo em massa, nos conflitos a que estamos assistindo.

Hitler afirmava: "As nossas guerras serão de fato travadas antes mesmo de se travarem as operações militares".

Para B.H. Liddel Hart, atualmente a guerra vence-se ou perde-se por manobras bastante mais vastas do que o desdobramento de divisões ou de exércitos; já na guerra conduzida por Hitler "as investidas frontais eram um bluff ou um passeio. O essencial era a ação exercida na retaguarda. Hitler sentia desprêzo pelos assaltos e cargas de baionetas, que eram o ABC do soldado convencional. O seu caminho para a guerra era sempre aberto por um duplo D: Desmoralização e Desorganização" (1).

Se o objetivo da guerra é obter o desequilíbrio psicológico do adversário, certamente que a arma psicológica tem considerável, senão decisiva importância.

26. A GUERRA TOTAL

Há guerras que se distinguem de tôdas as outras por características que lhes são próprias.

O avanço das divisões blindadas alemãs através da França foi rápido, incisivo, levou em breve à decisão; por isso a esta guerra se chamou relâmpago.

A fase de estabilização das frentes durante a guerra de 14-18 deu origem a um modo específico de combater, em que os adversários levaram a efeito uma completíssima organização de terreno; foi a guerra de trincheiras.

Outras guerras há que merecem a designação de guerras totais.

Em boa verdade, só não foram totais algumas lutas que, no respeitante às civilizações por nós conhecidas, se travaram na época heróica — Idade Média. A organização social desta época caracterizou-se pela pulverização dos povos em grupos dependentes de famílias aristocráticas, cuja aristocracia havia sido adquirida por algum mérito especial e transmitida aos descendentes. Nestas sociedades, nìtidamente agrícolas, a maior percentagem da população vivia debruçada sôbre a terra dedicando-se às tarefas do cultivo dos campos. Se, por um lado, eram obrigados a pagar o impôsto ao seu senhor feudal, por outro lado acolhiam-se à sua proteção nos momentos de perigo e era o senhor que pagava o maior tributo nas horas más — o tributo do sangue.

Há quem justifique esta sociedade típica da época medieval pela influência que os árabes nômades e cavaleiros exerceram sôbre os Europeus quando êles contaram, em especial durante a reconquista cristã e nas primeiras cruzadas. Assim, através dêste contacto, apareceu na Europa o cavaleiro medieval com todo o seu código de honra, de lealdade, de pundonor.

(1) "As Grandes Guerras da História".

O cavaleiro árabe era o combatente, o homem superior capaz de dominar um cavalo e com êle ir à batalha. Transferido para a Europa e reforçado pelos princípios da doutrina cristã, êste cavaleiro, que para o ser tinha que provar merecê-lo, era o protetor, mais do que o explorador, do seu povo. Derivado desta concepção de vida, combater, durante a maior parte da Idade Média, foi atividade reservada aos nobres. Foi a época da guerra cortês, da guerra de luva branca; talvez a única na história, em que não houve guerras totais.

Com a reinclusão nas batalhas dos guerreiros combatendo a pé, foi-se perdendo aquela característica da guerra, transformando-se as batalhas novamente em atos de barbárie contra o inimigo — combatente ou não.

Posteriormente, assiste-se a uma nova e fugaz tentativa de diminuir a barbárie da guerra, tentativa que coincide com a época da grande revolução européia de 1789, e a que não é estranho o espírito romântico que então vigorava no velho continente. (1)

Com o aparecimento de novas e terríveis armas, com o advento de normas mais elásticas na maneira de viver do homem, e com a necessidade de impor a sua vontade de qualquer maneira, com o fim ou de conquistar o espaço vital, ou de remodelar a ordem social estabelecida, a humanidade viu aparecer novamente as guerras totais.

Para lá da época heróica, e posteriormente a ela, a guerra não atende a sexos nem a idades, às cidades nem aos campos, a militares ou a civis. Todos nela participam, todos estão sujeitos a sofrer, direta e imediatamente, os seus efeitos.

27. QUEM FAZ A GUERRA

Uma guerra pode ser de tôda a nação, do povo que a forma — guerra popular — pode ser de determinada classe, a mais poderosa — guerra de classe —, ou pode ainda ser "pertença" de uma única pessoa — guerra pessoal.

Quando uma nação se encontra empenhada numa guerra popular, cada um ou a maioria dos seus cidadãos exprime o seu pensamento acêrca dêste conflito dizendo "esta é a nossa guerra".

A guerra luso-castelhana de 1383-1385 foi certamente uma guerra popular. Popular não quer dizer sòmente luta iniciada pelo povo; é popular desde que o povo, fazendo uma guerra, a sinta verdadeiramente justa, verdadeiramente sua. Certa ou erradamente, conquanto que as populações se sintam convencidas da necessidade e das vantagens de uma luta, ela é a sua luta; sejam os motivos que a isso conduzem políticos, econômicos, religiosos ou outros. Por vêzes uma guerra que começa por ser popular despopulariza-se, embora continui a ser de interêsse vital para o povo — não haverá nenhuma nação que ao fim de alguns anos de guerra

(1) Napoleão foi criticado por ter feito reviver na Europa a guerra em que os exércitos viviam daquilo que a população era obrigada a fornecer-lhes, processo que não vinha sendo praticado desde a guerra dos Trinta Anos; Napoleão renunciou a êste método quando preparou a campanha da Rússia.

não vote, caso se organize um plebiscito, pelo cessar fogo incondicional — é aqui que ressaltam as qualidades dos grandes "leaders" que, contra a maré do mais fácil, seguem o caminho mais difícil, aquêle que é do interêsse geral.

Está claro que, dentro da designação de guerra popular, cabem tôdas as guerras conduzidas por sociedades cuja ocupação normal é a guerra.

As guerras de expansão árabe, neste sentido, foram populares; as guerras assírias também o foram.

Não há nenhuma nação que durante a sua história não tenha feito uma ou mais guerras populares.

Quando há uma classe interessada em fazer e manter as guerras, como foi o caso da classe latifundiária romana, ou de outras classes em outras nações, temos aquilo que se chama guerra de classe, mas não luta de classes, conforme já referimos.

Se é uma pessoa que, por prestígio ou qualquer outro interêsse próprio, conduz a guerra, assistiremos a uma guerra pessoal. Napoleão e César fizeram guerras pessoais. Não será necessário falar de Napoleão. Quanto a César, bastará transcrever um trecho da apresentação de Régine Pernoud do "Conquistador das Gálias", na sua tradução da obra de César, que narra os seus feitos: "Êle (César) sabia que, relativamente a Pompeu, havia qualquer coisa que lhe faltava: o prestígio que dá uma vitória. Necessitava de encontrar o campo onde levasse a efeito a campanha que, para êle, era uma necessidade política, e que seria também para aquêles que desejava como colaboradores a altura de prestar provas. Seria a Gália a quem caberia êste papel, através de uma campanha que o ambicioso Cônsul não previa que o iria ocupar durante oito anos sucessivos e levá-lo à beira do desastre". (1)

Apesar da divisão que apresentamos, uma determinada guerra poderá ser iniciada por uma pessoa ou uma classe, interessar fundamentalmente a essa pessoa ou classe, mas transformar-se em guerra popular. O caso da segunda grande guerra é flagrante. A luta, que começou por ser de Hitler muito antes de terem lugar os recontros violentos, passou a ser de todo o povo alemão, assim se mantendo quase até ao colapso germânico.

28. GUERRA MODERNA

Quando os Hicsos invadiram o Egito, destroçaram o seu povo, arrasaram as suas terras e implantaram uma nova dinastia, estavam a fazer uma guerra moderna — para a época.

Quando os bárbaros invadiram o império romano, e como uma enorme vaga o submergiram, deu-se uma guerra moderna — para a época.

Qualquer destas guerras, como tôdas as outras que originaram alterações profundas numa sociedade, foram consideradas pelos componentes dessa sociedade como uma guerra nova, uma guerra diferente — uma guerra moderna.

Atualmente, há também uma forma nova de fazer a guerra, uma maneira recente de conduzir uma luta — com tôdas as armas — que tem originado vitórias que, no início da luta, se anteviam fantásticas.

(1) César — "Guerre des Gaules".

Essa maneira de fazer a guerra que tanto tem impressionado os homens — a guerra subversiva — foi também, lògicamente, denominada guerra moderna.

Mas a guerra moderna atual, a da nossa época, distingue-se de tôdas as outras porque põe em primeiro lugar a conquista ideológica do inimigo e tôdas as formas violentas de que se reveste visam imediatamente essa conquista: o ato de terrorismo, a ação persistente da propaganda — da persuasão à ameaça — visam diretamente a população.

A missão que um terrorista tem num determinado dia — matar a primeira pessoa que encontrar — não se coaduna com o código de honra de um militar tradicional. No entanto o terrorista considera-se um "militar" que atua dentro de coordenadas que para êle constituem um código. A guerra moderna é a guerra cujo código é não ter código comum aos dois adversários, contràriamente às lutas tradicionais.

29. GUERRA MAQUIAVÉLICA

Sempre se fizeram guerras como engôdo. Quantos problemas internos se resolvem ou passam despercebidos só porque se travam guerras com outras nações!

Se foi Maquiavel quem esquematizou e aconselhou esta maneira de resolver problemas internos, não foi Maquiavel quem lhe tirou o proveito: antes e depois da passagem pela terra dêste teórico, muitos "leaders" recorreram à guerra exterior como processo de eliminar problemas interiores.

A guerra como engôdo é a guerra executada de acôrdo com o pensamento de Maquiavel — a guerra maquiavélica.

30. GUERRA DE GUERRILHAS

Quando, de dois adversários que se batem, um dêles possui meios de combate nìtidamente inferiores ao outro, mas não atingiu o desequilíbrio psicológico que significa a sua derrota, só tem uma forma de fazer a guerra: a luta de guerrilhas.

Esta forma de combater não é nova; é antiga como o tempo e processa-se sempre que se verifiquem as condições que indicamos.

César enfrentou uma luta de guerrilhas na Grã-Bretanha e nas Gálias; Viriato e Sertório foram guerrilheiros; os exércitos de Napoleão quebraram com a guerrilha que a Espanha lhes moveu; o exército alemão em 39-45 sentiu a fôrça da guerrilha; o exército americano desdobra-se perante esta maneira antiga, mas sempre eficaz, de fazer a guerra.

Quando César, à frente das legiões de Roma, desembarcou na Grã-Bretanha, os naturais desta região não tinham possibilidades de opôr às legiões romanas um exército poderoso e organizado capaz de se medir com o de César em campo aberto. Cassivellaunus, encarnando a vontade de resistir do povo bretão, só tinha uma maneira de o fazer: através da guerrilha.

Atuante, quando os exércitos das grandes nações industriais possuem armas modernas e poderosas, a Guerrilha é a única maneira de as combater. As pequenas nações têm nesta forma de guerra a possibilidade de resistir aos colossos mundiais. Desde que as suas condições naturais sejam propícias, sós ou unidas a outras pequenas nações vi-

zinhas, devem preparar-se para praticar esta forma de combate:

"A estratégia que está a ser atualmente desenvolvida pelos nossos adversários é inspirada na dupla idéia de esquivar-se a um poder aéreo superior e anulá-lo. Quanto mais temos desenvolvido o efeito maciço das armas de bombardeio, mais auxiliamos o progresso da estratégia do tipo guerrilha". (1)

31. GUERRA CONVENCIONAL. GUERRA SUBVERSIVA

Não nos deteremos na análise das guerras classificadas de acôrdo com as zonas onde decorrem.

Para terminar a nossa breve exposição acêrca dos inúmeros nomes que as guerras podem ter, focaremos agora a classificação das lutas quanto às limitações a que obedecem.

As guerras começaram por ser subversivas, foram-se pouco e pouco transformando em convencionais e vão descaindo novamente para o tipo subversivo.

A grande, e principal diferença, entre guerras subversivas e convencionais é que, enquanto as primeiras não obedecem a quaisquer regras ou leis, as segundas desenvolvem-se apoiadas em normas aceitas e normalmente cumpridas por ambos os contendores.

A verificar-se a utopia de, daqui por uns milhares de anos, acabarem as guerras, os homens dêsse tempo que se debruçarem sôbre êste problema, quando estudarem o Homem na sua história, relacionarão, sem dúvida, as duas grandes revoluções da humanidade com a forma de combater.

Pode dizer-se que a primeira grande Revolução, verificada por volta dos anos 10.000 a 7.000 AC — a Revolução Agrícola — (que consistiu no domínio dos outros sêres vivos pelo homem — as plantas, pela prática da agricultura, e os animais pelo aparecimento do pastoreio), introduziu na humanidade a prática da guerra, pelo menos da guerra como até há pouco a imaginávamos.

Antes da revolução agrícola, se o homem fazia a guerra, era a guerra selvagem praticada pelo homem selvagem. As famílias ou os pequenos grupos deviam eliminar-se "selvàticamente", disputando áreas de caça e de colheita ou "saboreando-se" mùtuamente. Além do mais, antes da revolução agrícola, ainda não existiam as condições próprias para o desenvolvimento da guerra: os homens viviam em núcleos reduzidos às dimensões familiares.

Ao cabo dessa revolução lenta que marcou o primeiro grande salto humano, salto que se deu cêrca de 500.000 anos depois do aparecimento do homem sôbre a terra, o animal homem passou a ser diferente dos outros animais: o grande passo fôra dado. Mas com êste passo não terminou a morte violenta. Os homens deixaram de se matar para se comerem; de uma maneira geral, passaram só a matar. Esta foi talvez a primeira convenção bélica, convenção decorrente da possibilidade de satisfazer uma necessidade vital — comer — por meios diferentes dos anteriores.

Aqui começaram as guerras convencionais.

(1) B.H. Liddel Hart — Obra citada.

Com o tempo, as convenções foram-se apertando, as regras foram sendo aceitas, as guerras "civilizaram-se".

A época da progressiva codificação das guerras estende-se ao longo da história da sociedade humana enquanto sociedade agrícola. Com a Revolução Industrial, a codificação mantém-se durante algum tempo, mas a sua continuação mais parece o resultado do movimento anteriormente adquirido, já com falhas de onde em onde, do que a continuação da guerra tipo contrato.

Dois séculos não eram decorridos depois da revolução industrial — em que o homem passou a dominar os animais —, e dois séculos na história "do homem" são dois minutos na história "de um homem", e eis que se perde a primeira convenção: as guerras deixam de ser declaradas.

Não se pode esquecer que estamos perante um esbôço muito geral de relacionação da história do homem como processo guerreiro. Apesar das convenções terem sido, em teoria, total e mundialmente aceitas, houve sempre quem fizesse a guerra desobedecendo a convenções. Já há muito que se davam lutas não declaradas, tal como a prática de comer os adversários não terminou com a revolução agrícola. Mas a verdade é que sòmente dois séculos após a revolução industrial se passou a admitir como prática corrente, contràriamente ao anteriormente aceito, a eclosão de lutas sangrentas sem declaração prévia.

Embora o têrmo subversivo seja geralmente relacionado com o sentido revolucionário, por virtude das guerras subversivas andarem muito ligadas com as tentativas marxistas da revolução mundial, talvez seja mais correto, se está certo o esquema atrás apresentado, ligá-lo ao sentido de perversão.

Assim, a guerra subversiva seria a perversão ou degradação da guerra convencional. Dêste fato se infere com naturalidade a normal repugnância do militar, relativamente a êste tipo de luta.

Educado no culto da honra, do estrito cumprimento das regras e da estima do valor do adversário, o militar aceita com dificuldade a idéia de que o combatente subversivo é um guerreiro da sua categoria, e tende a desprezá-lo. Talvez esta razão explique, em parte, o pouco êxito dos exércitos tradicionais na maioria das guerras subversivas ùltimamente travadas.

Sòmente na medida em que o inimigo não seja subestimado, será possível combatê-lo com possibilidades de êxito. Esta é a verdade que alguns exércitos começam a perceber — flagrante é o exemplo da América no Vietnam. É que, em boa verdade, o combatente subversivo, mercê das liberdades que se permite, encontra-se sempre em melhores condições do que um combatente tradicional, submetido a normas rígidas, que vão desde o vestir uma farda até ao tratamento que deve dar aos prisioneiros.

A guerra vai-se subvertendo pouco e pouco. Tende a terminar a guerra de "contrato".

Elvas, fevereiro de 1966.